

A Política dos Gestos Simbólicos: Lula e a Besta

Prof. Dr. Adelino Francisco de Oliveira¹

E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

(Vinícius de Moraes,
O Operário em Construção)

O tirano é soberbo, e aí reside seu triste fado. Ele é soberbo porque pensa ser sua a força de que dispõe; assim sendo, exerce o papel de palhaço, daquele que confunde sombra e substância; seu destino consiste em ser enganado. O herói mitológico, ressurgindo das trevas que constituem a fonte das formas visíveis, traz o conhecimento do segredo do triste destino do tirano. Com um gesto, simples como pressionar um botão, ele aniquila essa impressionante configuração. A façanha do herói é um constante abalar das cristalizações do momento. O ciclo se desenvolve: a mitologia enfoca o ponto de aumento. A transformação e a fluidez, e não o poder teimoso, caracterizam o Deus vivo. A grande figura do momento existe, tão-somente, para ser derrubada, cortada em pedaços e espalhada pelos quatro cantos do mundo. Em suma, o ogro-tirano é o patrono do fato prodigioso; o herói patrocina a vida criativa.

(CAMPBELL, Joseph.
O Herói de Mil Faces, p. 174.)

Talvez somente por meio de metáforas seja permitido se alcançar e dizer algo sobre as belezas que a vida pode ser e também sobre as mazelas que se insurgem contra a mesma vida. Nietzsche, o filósofo mais visceral, utilizava-se sempre de profundas metáforas para abordar a essencialidade existencial. Paul Ricoeur, pensador mais contemporâneo, escreveu sobre metáforas vivas. A imagem metafórica da grotesca besta apocalíptica talvez tenha muito significado, em um contexto de muitas derrotas, mas que pode abrir passagem e acenar para um outro porvir. A resistência de Lula, no decurso cabalístico de três dias, no ventre histórico da sede do Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, configura-se também como uma determinada forma de se fazer política, a partir da força representativa contida na gestualidade simbólica. Isso para dizer que precisaremos recorrer a sugestivas metáforas para entender, minimamente, a epopeia do Operário em Construção e sua odisseia por um outro projeto de país.

No campo das narrativas, há uma clara tentativa, especialmente por parte do aparato midiático, em desconstruir a figura e o próprio legado de Lula. A intenção de reduzi-lo à mera condição de vil corrupto – que deve ser encarcerado e jogado ao ostracismo –, configura-se como a grande estratégia para esvaziar toda sua representação de eminente líder, de herói militante. Como substrato teórico desse ficcional enredo encontra-se o tendencioso e parcial pensamento de Francis Fukuyama e os demais coveiros neoliberais, ávidos a sepultar qualquer esperança, que se apressam em decretar o fim da história, que seria supostamente suplantada pela lógica do mercado. Clara visão apocalíptica, análoga, justamente, ao momento em que a besta fera imprimiria sua marca e disseminaria opressão, destruição e morte. Esse dragão bestial, em um primeiro momento, seduz e alicia, arregimentando seguidores. Imagem infernal que remete àquele juiz que, inebriado em sua demência e vaidosa estupidez, sob os auspícios talvez da CIA e de outros interesses alheios à noção de Justiça e de patriotismo cívico, quer também decretar o ocaso do grande líder, do Operário em

¹ Professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Piracicaba. Pesquisador no Observatório de Criminalização da Pobreza e dos Movimentos Sociais. E-mail: adelino.oliveira@ifsp.edu.br

Construção, profetizado na poesia de Vinícius de Moraes.

Antes de mais é preciso lembrar que a história é dialética e a luta de classes é dura, violenta, cheia de reveses. É preciso dizer ainda que as forças hegemônicas não guardam nenhum compromisso com a visão de nobreza, nem de ética, nem de hombridade, muito menos com a perspectiva de lealdade. O complô, a trama, a traição são estratégias, subterfúgios corriqueiros e legitimados em suas ações. Em evidente deturpação das lições do Príncipe, de Maquiavel, quando a finalidade é a manutenção do poder, todos os meios se tornam lícitos, até mesmo o colapso prematuro e não menos estarrecedor de uma infante democracia.

Neste quadro geral, a questão que permanece sem solução, a desnudar todo discurso ideológico neoliberal, diz respeito ao lugar dos pobres. Onde dormirão os pobres? Já indagava o teólogo Gustavo Gutierrez, confrontando as teses neoliberais. Qual o quinhão que cabe aos esquecidos da terra, nessa perversa quimera do livre mercado? O desmonte da frágil democracia brasileira foi orquestrado e implementado em nome de que projeto de país? No Brasil somos 200 milhões de cidadãos. Qual o projeto político e econômico que contempla a todos? Esse é o ponto.

Voltando à metáfora do apocalipse, o interessante é que a história não termina com a vitória da besta fera. Talvez os comensais da morte, com a boçalidade neoliberal – que não se sustenta diante da realidade da vida –, não conheçam bem o enredo da história. No final, a grande Prostituta, desmascarada no apocalipse, que agora aparece travestida na configuração do sistema de justiça, a vilipendiar e subverter todo o direito, enfrenta o revés da verdadeira Justiça, que se impõe, derrotando as forças das engrenagens de exploração e opressão. Na imagem apocalíptica, todos os que lavarem suas vestes no sangue do Cordeiro, colocando-se do lado da Justiça – o único lado eticamente possível –, não se curvando aos projetos bestiais, sairão vitoriosos. É uma Justiça que nasce das entranhas do povo, legitimada pela vontade geral rousseauiana e se impõe de maneira transformadora, revindicando e instaurando um outro poder, a inaugurar o tempo da democracia e do direito. Não há fim da história plausível, aceitável enquanto aqueles que foram banidos, esquecidos, silenciados, maltratados não experienciam

plenamente a libertação, compondo um profundo movimento de transformação da própria história. Novamente as metáforas se fazem vivas. O dinamismo para se forjar um outro desfecho para a história, sem desperdiçar a ocasião – coerentemente atento às lições de Maquiavel –, encontra-se na força arrebatadora do povo, que é capaz de sobrepujar o dragão bestial do neoliberalismo – que, ao perder o véu ideológico, não consegue mais aliciar, nem convencer ninguém –, colocando por terra, por meio de um arrebatadora desobediência civil, toda essa legalidade radicalmente inócua e injusta.

A resistência política, através da gestualidade simbólica, e a construção do mito do herói convergem em uma dinâmica de falas e movimentos quase litúrgicos. O gigante Operário em Construção, em uma ousada e não menos desafiadora atitude cheia de altivez e dignidade – voltando-se a uma origem fundamental, sob o abrigo do mesmo Sindicato dos Metalúrgicos onde sua saga alcançou visibilidade, lugar simbólico, a remeter a uma tradição histórica de luta e resistência, e amparado por uma multidão incontável – ergue sua carismática voz e faz resoar, com a coragem da verdade – em clara alusão a parresia socrática –, um contundente não! A celebração do ato ecumênico, a intensidade de cada fala, a multidão ovacionando, protegendo e carregando nos braços tudo a compor o cenário e a estética de um grande ritual de passagem, que acaba por elevar o líder político a um outro patamar de representação. De maneira apoteótica – apesar de todos os discursos ideológicos, em um meticuloso esforço midiático de detração –, o Operário em Construção, personificado na figura emblemática de Lula, ritualisticamente passa a assumir a translúcida face do herói, com condições de aglutinar, em torno de si, todas as forças do campo democrático. Um novo capítulo da história começa a ser redigido. Oxalá o protagonista agora seja o povo, em um amplo e irresistível movimento criativo e revolucionário de libertação.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Cultrix/Pensamento, 1997.

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde Dormirão os Pobres?* São Paulo, Paulus, 1998.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Porto Alegre, L&PM Pocket, 2011.

MORAES, Vinícius de. NOVOS POEMAS II (1949 – 1956). RIO DE JANEIRO, SÃO JOSÉ, 1959.

* As ideias contidas neste artigo são de seu(s) autor(es) e não necessariamente expressam as posições oficiais do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.